

Jornalismo e identidade: a representação da Segunda Guerra Mundial em um semanário do interior paulista¹

Marcos Paulo da Silva²

Resumo

O trabalho consiste em um estudo da maneira como um semanário do interior paulista construiu em suas páginas a representação da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O veículo adotado como objeto de análise é o jornal O Eco (inicialmente chamado de E'cho), de Lençóis Paulista, cidade localizada a 300 quilômetros a oeste de São Paulo, que recebeu significativas influências da imigração italiana. A escolha da região de Lençóis Paulista e a periodização adotada, assim como a adoção do periódico O Eco como objeto de estudo, deve-se a vários fatores, mas todos derivam de um eixo principal: a hipótese de que a região tenha dado um tratamento peculiar à Segunda Guerra Mundial motivado pela presença da colônia italiana na cidade e pela relação de proximidade da comunidade com o país europeu.

Palavras-chave: Jornalismo, Segunda Guerra Mundial, Representação, Arquivo

Introdução

Por sua natureza interdisciplinar, a Comunicação abre faces para intercâmbios e relações com as mais diversas áreas de estudos acadêmicos. Como ressalta França (2002), quando falamos do paradigma da Comunicação não nos referimos propriamente às teorias acionadas, como em outras áreas do conhecimento, mas a certo esquema cognitivo que nos conduz e nos instrui a ver uma coisa e não outra. Desta forma, os estudos relacionados à Comunicação podem abordar temáticas diversas, como a cultura (pelo olhar da Antropologia) ou os discursos produzidos (como os estudos desenvolvidos pela Lingüística). Sem deixar de lado tais referências, este trabalho volta-se com maior ênfase ao paralelo que pode ser traçado entre os estudos da Comunicação e a História.

¹ Trabalho apresentado ao NJO – Jornalismo do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Jornalista e mestrando do programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Bauru-SP. E-mail: silva_mp@uol.com.br

Tal relação, que já passou por fases mais conturbadas, goza hoje de uma certa autonomia, segundo apontam Diaz e Alffond. Para os autores, entretanto, a formatação de uma História da Comunicação não é um processo estanque e requer a revisão crítica dos principais paradigmas que propiciaram a evolução dessas duas áreas do conhecimento. Desta maneira, alertam Diaz e Alffond, uma análise da história da imprensa não pode limitar-se somente ao estudo da evolução das técnicas ou dos meios de Comunicação.

Sobredimensionar el papel de las técnicas o los medios puede hacer olvidar que existen factores, causas y consecuencias entre los procesos comunicativos y otras variables. Es indudable que no puede interpretarse el pasado de la comunicación olvidando la evolución de las técnicas, de las infraestructuras y de los medios. Pero debemos entender el pasado constatando lo que han producido los diversos procesos comunicativos. (DIAZ e ALFFOND, 2001, p.51).

Neste mesmo sentido, ainda tomando como foco o estudo da história da imprensa, outra contribuição significativa é a de Barbosa e Morel (2003). Em documento que propõe uma metodologia para o estudo da história da imprensa no Brasil, os autores chamam a atenção para os diferentes tratamentos que a imprensa recebeu enquanto objeto da historiografia.

Na tradicional historiografia identificada como historicista, a imprensa aparecia em geral como fonte privilegiada na medida em que era vista como portadora dos "fatos" e da "verdade". Em seguida, com a renovação dos estudos históricos e a ênfase numa abordagem que privilegiava o sócio-econômico, a imprensa passou a ser relegada à condição subalterna, pois seria apenas "reflexo" superficial de idéias que, por sua vez, eram subordinadas estritamente por uma infra-estrutura sócio-econômica. E a subsequente renovação historiográfica, com destaque às abordagens políticas e culturais, redimensionou a importância da imprensa, que passa a ser considerada como fonte documental (na medida em que expressa discursos e expressões de protagonistas) e também como agente histórico que intervém nos processos e episódios, não mero "reflexo".(BARBOSA e MOREL, 2003)

Portanto, partindo dessa discussão preliminar e adotando como norteador o debate iniciado por Diaz e Alffond e por Barbosa e Morel, o presente trabalho – que integra uma pesquisa mais ampla – volta-se a algumas reflexões sobre o estudo da história da imprensa no Brasil. Reconhece-se a necessidade do estudo de diferentes

variáveis que envolvem a história da Comunicação (Diaz e Alffond) e a importância da imprensa como agente histórico (Barbosa e Morel).

Como objetivo, propõe-se um estudo da construção da representação da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) em um semanário do interior paulista. O veículo adotado como objeto de análise é o jornal O Eco (inicialmente chamado de E'cho), de Lençóis Paulista, cidade localizada a 300 quilômetros a oeste de São Paulo, que recebeu significativas influências da imigração italiana. Como referencial teórico, o trabalho recorre ao modelo proposto por Douglas Kellner para o estudo das relações entre Comunicação e sociedade e às técnicas da análise de conteúdo propostas por Laurence Bardin.

Mídia, política e ideologia

A perspectiva teórica que mais abarca este trabalho é a conceituação que Douglas Kellner faz da cultura da mídia. Tomada como referência norteadora do estudo em questão, a proposta de Kellner é, neste caso, essencial para a análise da representação da Segunda Guerra Mundial pelo jornal O Eco, de Lençóis Paulista.

Kellner inclui nesta cultura da mídia os textos veiculados pela imprensa. Desta forma, pode-se entender os textos jornalísticos veiculados pelo semanário O Eco como partes desta cultura. Para o autor, as formas da cultura da mídia são intensamente políticas e ideológicas. Sendo assim, sugere Kellner, quem deseje saber como ela incorpora posições políticas e exerce efeitos políticos deve aprender a ler politicamente a cultura mídia. Ainda segundo o autor, o conceito de ideologia não deve se restringir à dominação econômica (de classe), mas também se estender às outras formas de dominação existentes na sociedade: sexo, raça e outras formas de dominação ideológica. “Parte-se assim do pressuposto de que a sociedade é um grande campo de batalha, e que essas lutas heterogêneas se consumam nas telas e nos textos da cultura da mídia e constituem o terreno apropriado para um estudo crítico da cultura da mídia” (Kellner, 2001, p.79).

Seguindo a perspectiva exposta pelo autor, entende-se que neste grande “campo de batalha” os diferentes projetos políticos e ideológicos buscam sempre conquistar o consentimento do público receptor. Explica Kellner:

A cultura da mídia, assim como os discursos políticos, ajuda a estabelecer a hegemonia de determinados grupos e projetos

políticos. Produz representações que tentam induzir anuência a certas posições políticas, levando os membros da sociedade a ver em certas ideologias “o modo como as coisas são”. (KELLNER, 2001, p.81)

O que está em jogo, prossegue o autor, é o desenvolvimento de um estudo que analise, em primeiro lugar, o modo como a cultura da mídia “transcodifica as posições dentro das lutas políticas existente e, por sua vez, fornece representações que, por meio de imagens, espetáculos, discursos, narrativas e outras formas culturais, mobilizam o consentimento a determinadas posições políticas” (Kellner, 2001, 86).

Apesar de tratar da cultura contemporânea, entende-se que a contribuição de Douglas Kellner pode também ser transportada para o estudo de acervos históricos, como é o caso do O Eco durante a Segunda Guerra Mundial, levando sobretudo em consideração os diferentes projetos políticos e ideológicos que se emancipavam na época e eram refletidos nas páginas do semanário.

O Eco: espaço de representação

O semanário O Eco foi fundado em 6 de fevereiro de 1938 pelo jornalista Alexandre Chitto, o secretário Vicente de Paula Ferraz e o professor Alcides Ferrari, este último desligado do veículo antes mesmo da circulação da primeira edição. Apesar do envolvimento dos três colaboradores na fundação do jornal, foi Alexandre Chitto que ocupou desde o início o cargo de diretor do veículo, constituindo o grande responsável pelos rumos do noticiário.

O Eco, inicialmente chamado de E’cho, nasceu em um ambiente de relativa descrença com o jornalismo local. Antes de sua fundação, todos os outros jornais que o antecederam na região de Lençóis Paulista tiveram duração máxima de um ano. O próprio Chitto, em uma de suas publicações, descreveu sucintamente o clima gerado com a criação do jornal: “O Eco surgiu numa época duvidosa, de pessimismo, quanto a existência de jornais na cidade. Poucos acreditavam no sucesso deste semanário. Ventilava-se, mesmo, em 1938, que não chegaria até a sexta edição” (Chitto, 1978, p.71).

De modo geral, o semanário O Eco sempre se manteve dentro das características da imprensa interiorana. Segundo Dirceu Fernandes Lopes, há uma série de características que ressaltam a importância do jornalismo do interior. Para o autor, ao contrário do leitor da capital, que tem outros meios de informação sobre sua

comunidade, o habitante do interior escolhe o próprio jornal de sua cidade para saber o que ocorre ao seu redor, no seu mundo. É no jornal local que o morador busca e encontra, numa linguagem acessível e própria, aquilo que interessa para o seu dia-a-dia (Lopes, 1998, p. 105). É ainda o jornal do interior a principal fonte de informação e o melhor ponto de encontro de quem quer comercializar idéias em âmbito local.

Tal relação – entre o jornal do interior e a comunidade local – também é verificada por Wilson da Costa Bueno. Em sua dissertação de mestrado, defendida em 1977, Bueno define o que seria um objeto-modelo para o estudo da imprensa artesanal, conceito aplicado na época à imprensa interiorana. Destaca Bueno que a personalidade, a integração à vida comunitária, a identificação com os anseios da população e o respeito por seus tabus geram um conteúdo peculiar na imprensa artesanal.

O jornal do interior não pode ser visto, a exemplo da grande imprensa, como um estranho que fala à comunidade mas como um serviço ativo e participante da própria comunidade. Sem as características da comunicação de massa, mantém ainda o nível da comunicação oral, direta, fato que é rotulado pelos que não convivem com essa realidade com a expressão “provincianismo” (BUENO, 1977, p. 50).

Bueno acrescenta que pelo seu perfil próximo ao comunitário, o jornal do interior tende a se distanciar da grande imprensa (nacional ou regional), que por outro lado possui como tendência o tratamento de assuntos mais gerais, não específicos de uma ou outra realidade. Embora a quantidade de espaço dedicado às questões nacionais e internacionais seja limitada na imprensa de perfil interiorano, quando tais jornais se interessam por um assunto desta natureza – como é o caso da Segunda Guerra Mundial – tratam de retratá-lo sob um ponto de vista local com grande sensibilidade e rapidez. “A situação internacional é descrita em termos que influenciam diretamente a vida dos residentes da localidade” (Bueno, 1977, p. 53).

Chitto e a Itália: interfaces

Diretor desde seu início e voz predominante nos destinos e na linha editorial do semanário O Eco, o jornalista Alexandre Chitto, assim como sua família, teve em sua trajetória de vida uma relação muito peculiar com a Itália. O percurso da família Chitto com descendência em Lençóis Paulista tem início em 1872, em Isola Dovarese, na província italiana de Cremona. Em 24 de novembro daquele ano, filho de César Chitto e

de Anunciata Chitto, nascia Mauro Chitto, patriarca da família que anos depois teria influência no comércio, na política e na comunicação de Lençóis Paulista. Aos 15 anos, Mauro ingressou no serviço de telégrafo italiano e, aos 18, foi convocado para o exército, onde chegou à patente de sargento. Na última década de século 19, serviu na África Oriental.

Condecorado pelos serviços militares, decidiu se mudar para a América. Escolhendo o Brasil como destino, viajou junto de um primo, deixando a família na Itália. Na época, Lençóis Paulista já possuía uma considerável colônia italiana, sobretudo das regiões de Treviso e Cremona. Em Lençóis, Mauro Chitto conheceu Santina Lazzari, uma imigrante da mesma cidade italiana da qual ele partira. Com ela se casou, fixando residência em um bairro rural formado essencialmente por imigrantes italianos, onde teve seus três primeiros filhos – entre eles, Alexandre Chitto.

Com o passar dos anos e a entrada dos filhos na adolescência, Mauro Chitto resolveu voltar definitivamente com a família para a Itália. Viveram cerca de dois anos no país, mas a Primeira Guerra Mundial, que eclodiu na Europa em 1914, influenciou a trajetória da família. Preocupada com uma possível convocação dos filhos adolescentes, Santina Lazzari convenceu Mauro a voltar com a família ao Brasil.

Os Chitto retornaram a Lençóis Paulista e passaram a residir na cidade, iniciando um representativo papel na comunidade local. Mauro Chitto foi presidente da Sociedade Italiana de Mutuo Socorso Stella D'Itália, criada no município pela colônia italiana como forma de mútua assistência aos estrangeiros e descendentes. A sociedade, que durante um longo período de tempo foi o único clube de Lençóis Paulista, foi fechada exatamente durante a Segunda Guerra Mundial. Mauro Chitto foi ainda Representante Consular Italiano na cidade e vice-prefeito, eleito em 1922, ocupando o cargo de chefe do Executivo por quase um ano em substituição ao então prefeito Elias Rocha. Neste período, em 1924, recepcionou na cidade o General Pietro Badoglio, representante oficial de Benito Mussolini em visita ao Estado de São Paulo.

Segundo filho de Mauro Chitto, o jornalista Alexandre Chitto nasceu em fevereiro de 1901 no bairro italiano da Rocinha, em Lençóis Paulista, onde passou a infância e parte da adolescência. Após morar cerca de dois anos na Itália durante a adolescência, Alexandre, junto de sua família, voltou a Lençóis onde começou a trabalhar no comércio. Em fevereiro de 1938, fundou junto de dois companheiros o jornal O Eco (então na grafia E'cho). Em 1939, Chitto fez estágio de jornalismo na capital paulista, recebendo o Certificado de Jornalista Profissional, registrado no

Departamento do Trabalho. Um ano após fundar O Eco, assumiu sozinho o veículo. Passou a cumprir as funções de administrador, repórter e redator, noticiando fatos da cidade. Ficou na função de diretor até meados da década de 1980, quando vendeu a empresa.³

Portanto, dada trajetória pessoal e profissional de Chitto, não deve ser descartada a proximidade entre o jornalista e a Itália. A relação pode ser analisada sob o ponto de vista das condições de produção⁴ dos textos – ou contexto em que os textos foram produzidos. Também dentro das chamadas condições de produção a análise deve levar em consideração que, na época da Segunda Guerra Mundial, Lençóis Paulista se caracterizava como um município de pequeno porte, apesar das grandes proporções territoriais. Segundo dados do censo demográfico realizado em setembro de 1940 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o município possuía uma população total de 13.804 habitantes, distribuídos em 7.172 homens e 6.632 mulheres. No mesmo levantamento foi constatado que a cidade possuía uma população estrangeira composta por 1.123 pessoas, sendo 495 italianos, 188 japoneses e 18 alemães, países que integravam o “Eixo”⁵.

Metodologia e fontes

A escolha da região de Lençóis Paulista e a periodização adotada, assim como a adoção do periódico O Eco como objeto de estudo, deve-se a vários fatores, mas todos derivam de um eixo principal: a hipótese de que a região tenha dado um tratamento peculiar à Segunda Guerra Mundial (1939-1945) motivado pela presença da colônia italiana na cidade e pela relação de proximidade da comunidade com o país europeu.

Neste sentido, após uma análise preliminar do arquivo histórico do jornal O Eco, o presente trabalho optou pelo estudo dos editoriais de capa assinados por Alexandre Chitto. A opção metodológica pelos editoriais se deu devido à relevância dos textos no veículo (salvo algumas poucas exceções, estampavam sempre a primeira página) e pelos editoriais representarem a opinião geral do veículo sobre os temas estudados. Os textos estudados estão compreendidos entre setembro de 1939 – mês da invasão da Polônia pela Alemanha, evento essencial para a deflagração do conflito – e julho de 1944 – quando os aliados já haviam desembarcado na Normandia e o território soviético já

³ O jornalista faleceu em 1994 e está enterrado no Cemitério Municipal de Lençóis Paulista.

⁴ Termo utilizado por Laurence Bardin (1977) em sua proposta teórica para a realização de uma análise de conteúdo.

⁵ BASSANEZI, 2001.

estava inteiramente libertado das tropas do “Eixo”. Foram selecionados 55 textos, todos que de alguma maneira abordam a Segunda Guerra Mundial como temática.

Como já informado, o trabalho adota a perspectiva teórica do norte-americano Douglas Kellner, sobretudo sua conceituação da cultura da mídia, e o modelo da análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977). Segundo Bardin, a análise de conteúdo consiste em:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p.42)

Para o autor, a análise de conteúdo é baseada na dedução e “absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito do não-dito, retido por qualquer mensagem” (Bardin, 1977, p.9). Ou seja: por trás de todo discurso aparente, simbólico e polissêmico esconde-se um sentido que convém desvendar. De maneira geral, pode-se dizer que a sutileza dos métodos da análise de conteúdo corresponde aos seguintes tópicos:

- A ultrapassagem da incerteza; o que eu julgo ver na mensagem estará lá efetivamente contido, podendo esta “visão” muito pessoal ser partilhada por outros?
- O enriquecimento da leitura; se um olhar imediato, espontâneo, é já fecundo; não poderá uma leitura atenta aumentar a produtividade e a pertinência?

Nesta perspectiva, podemos fazer um paralelo entre a conceituação de Bardin e a de Kellner, sobretudo quando o segundo afirma que “também se deve prestar atenção ao que fica de fora dos textos ideológicos pois frequentemente são as exclusões e os silêncios que revelam o projeto ideológico do texto” (Kellner, 2001, p.149).

Para tanto, a saída exposta por Bardin é a atenção especial às condições de produção dos textos. Conforme a definição do autor, o termo “condições de produção” é suficientemente vago para permitir possibilidades de inferência muito variadas: variáveis psicológicas do indivíduo emissor, variáveis sociológicas e culturais, variáveis relativas à situação de comunicação ou do contexto de produção da mensagem. De

qualquer forma, independente do termo que for utilizado, Bardin garante que a especificidade da análise de conteúdo deve abarcar a articulação entre:

- A superfície dos textos; descrita e analisada (pelo menos alguns elementos característicos);
- Os fatores que determinam estas características, deduzidos sociamente. (Bardin, 1977, p.40).

Entre as etapas da análise de conteúdo, citamos duas que serão utilizadas no presente trabalho: a análise categorial e a inferência. Entende-se por análise categorial o método das categorias, espécie de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação da mensagem. Nas palavras de Bardin, “a técnica consiste em classificar os diferentes elementos nas diversas gavetas segundo critérios susceptíveis de fazer surgir um sentido capaz de introduzir numa certa ordem na confusão inicial” (Bardin, 1977, p.37). Já a inferência aparece pois “o interesse não reside na descrição dos conteúdos, mas sim no que estes nos poderão ensinar após serem tratados (por classificação, por exemplo) relativamente a “outras coisas” (Bardin, 1977, p.38).

Análise categorial

A primeira categorização realizada nesta etapa da análise é a seleção dos textos de capa assinados pelo jornalista Alexandre Chitto pela temática do trabalho: a Segunda Guerra Mundial. Todos os 55 textos selecionados foram tabelados por ordem cronológica e dispostos em um quadro⁶.

Uma categorização representativa que pode ser feita a partir da tabulação dos dados é referente à evolução nos assuntos abordados no decorrer dos meses. O primeiro texto selecionado para o corpo da pesquisa, intitulado “O temor á guerra”, data de 5 de novembro de 1939 e apresenta o pessimismo relacionado à guerra como tema. Com sua publicação, o texto inaugura uma temática que se repetiria pelo menos outras seis vezes, sobretudo no decorrer dos primeiros meses pesquisados. Portanto, o pessimismo relacionado à guerra pode ser categorizado como o primeiro bloco temático encontrado no corpo da pesquisa.

O segundo bloco temático representativo encontrado entre os textos selecionados tem como tom a crítica ao comunismo. Após aparecer pela primeira vez no editorial do

⁶ Por opção metodológica e questão de espaço, o quadro não foi anexado neste trabalho.

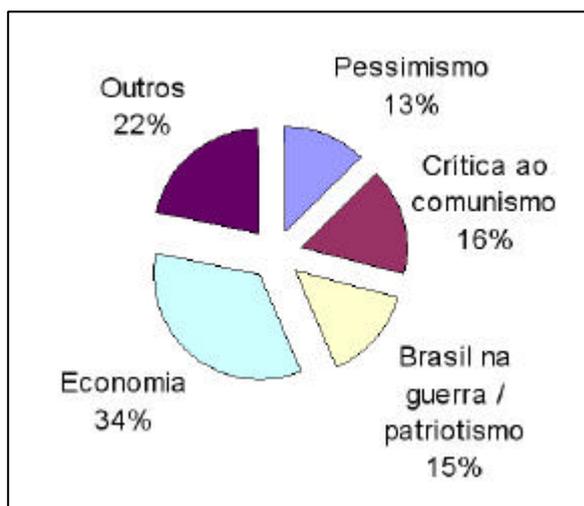
dia 10 de novembro de 1940, a temática se repetiria pelo menos outras oito vezes, todas compreendidas no período que se estende até o dia 15 de setembro de 1942. Na ocasião, houve a veiculação de um texto que tratava da reafirmação do catolicismo frente ao comunismo (“Reafirmação eloqüente”).

Com o aumento da possibilidade da tomada de partido do Brasil na guerra, surge o terceiro bloco temático categorizado no corpo da pesquisa. Trata-se de textos que trazem como assunto não somente a possibilidade da entrada do Brasil no conflito, mas também a defesa e a valorização do patriotismo. Esta tendência teve início no dia 6 de abril de 1941, quando publicado o texto “Neutralidade brasileira”, com elogios a uma possível posição de neutralidade do Brasil até aquele momento. Outros sete textos que se espalharam pelo menos até dezembro de 1942 trataram da entrada do Brasil no conflito sob o enfoque da defesa e da valorização do patriotismo. Neste mês, o semanário veiculou no dia 15 um texto intitulado “Um presente de Natal”, tratando da campanha de Natal da Legião Brasileira de Assistência.

O quarto bloco temático, responsável pelo maior número de textos no corpo da pesquisa, apresenta a economia como tema principal. No total, são 19 os textos incluídos nesta categoria. É válido ressaltar, contudo, que a divisão aqui proposta não é estanque, constituindo apenas uma opção metodológica para o desenvolvimento da análise. Desta forma, constata-se que alguns textos presentes neste bloco também fazem referência à participação brasileira no conflito e suas possíveis conseqüências, mas por apresentarem enfoque tipicamente econômico foram aqui categorizados. É o caso, por exemplo, do texto “Mais pessimismo do que realidade”, publicado no dia 29 de março de 1942, tratando da especulação de que a guerra não gere crises econômicas no Brasil. Apesar desta veiculação em 1942, porém, a maior incidência desta temática é encontrada no período entre janeiro de 1943 e junho de 1944, mês de circulação do último texto selecionado para a análise.

Ainda dentro do bloco de textos que trazem a economia como temática principal, uma outra categorização pode ser verificada: os textos que tratam de assuntos nos âmbitos mundial, nacional e local. Entre os 19 textos selecionados, 12 tratam de assuntos no âmbito nacional. Outros três textos abordam diretamente a temática local e são dois os que fazem referência ao âmbito mundial, tratando de assuntos de outros países. Há ainda um texto que pode ser categorizado tanto no âmbito local quanto no nacional (“O preço dos imóveis”) e outro que se enquadra tanto no âmbito nacional quanto mundial (“Causas da guerra”).

Gráfico 1 – Divisão temática encontrada no corpo da pesquisa



Por fim, é importante ressaltar que além dos quatro principais blocos temáticos destacados, há ainda outros 12 textos de temáticas variadas (categorizados sob o rotulo “Outros”). Tais textos tratam, por exemplo, de curiosidades sobre o conflito, como é caso do editorial “Correspondentes de guerra”, de 4 de julho de 1944, sobre os riscos e prêmios dos repórteres correspondentes. Entretanto, quatro desses textos aqui generalizados fora dos principais blocos temáticos (“Três hipóteses”, “Voz do povo voz de Deus”, “Uma estratégia que falha” e “Carta aberta do Daily Herald”) também podem ser reunidos em uma outra categoria temática menos representativa (ou subcategoria): a queda de Mussolini. São textos veiculados entre agosto e novembro de 1943, período que marcou o armistício italiano.

Inferências

Primeiramente, pode-se afirmar que o semanário O Eco adotou – intencionalmente ou não – uma cobertura sobre a Segunda Guerra Mundial dividida em fases distintas. Tais etapas refletem o grau de envolvimento do veículo com os temas que fervilhavam no transcorrer da guerra. No primeiro momento, marcado ainda pelas incertezas da abrangência e das conseqüências do conflito, o jornal adotou um tom pessimista, veiculando textos que continham um misto de apreensão e insegurança. Foram categorizados sete textos neste bloco temático.

Contudo, são os dois seguintes blocos temáticos que mais deixam transparecer os posicionamentos ideológicos e as identidades do veículo. O segundo bloco de textos

é caracterizado por editoriais que fazem críticas diretas ao comunismo ou demonstram apreensão com o avanço dos adeptos da doutrina. Ao todo, são nove os textos que apresentam essa temática, a maior parte deles distribuída em 1941. Alguns se referem ao comunismo de maneira irônica, outros de maneira mais ríspida.

Percebe-se, pela análise dos textos, que neste aspecto o semanário adotou um discurso simplista e mitificador ao apontar um dualismo entre os defensores do bem e os defensores do mal. A mesma lógica é reproduzida quando expostas as relações entre a doutrina comunista e o catolicismo. O que se torna mais evidente neste caso é o posicionamento do veículo favoravelmente aos católicos, temendo os possíveis riscos de uma aliança de guerra entre os países ditos “democráticos” e os soviéticos. Nota-se também uma tendência de se considerar a URSS como um enigma, observando seu crescimento com apreensão. Ressalta-se, mais uma vez, que a estrutura da sociedade lençoense na época era essencialmente católica, ampliando os efeitos de apreensão dos textos sobre os leitores.

Outra posição deixada clara pelo jornal é o apoio à decisão de Getúlio Vargas de repressão aos comunistas. É evidente o posicionamento do jornal de contrariedade à doutrina comunista. Sabe-se, segundo documentos históricos presentes nos arquivos do Deops (Departamento Estadual de Ordem Política e Social), que havia na região de Lençóis Paulista nas décadas de 1930 e 1940 um grupo de pessoas tratadas como subversivas e fichadas pela polícia política de Getúlio Vargas por simpatia ao comunismo. É o caso, por exemplo, do comerciante Abraão Maluf, detido em 1941⁷. Outras, os documentos levam a crer, foram fichadas sob o rótulo de subversivas sem mesmo tomarem conhecimento de tal. Em nenhum momento, porém, o semanário trouxe em seus textos de capa versões ou informações sobre tais ocorridos.

O terceiro bloco temático categorizado no corpo da pesquisa é marcado pela entrada propriamente dita do Brasil na guerra, tomando como destaque a defesa do patriotismo. São oito os textos deste bloco, a maior parte deles veiculados entre o início e o fim de 1942. Mais uma vez, a exemplo dos textos analisados anteriormente, percebe-se com clareza a posição ideológica e as identidades veiculadas pelo semanário. Se até certa hora criticava-se o belicismo, a exemplo do primeiro bloco temático estudado, agora – confirmado o posicionamento do Brasil junto aos Aliados – adota-se um discurso de "soberania nacional", sempre em defesa do patriotismo.

⁷ BRUSATIN, 2003

Outros assuntos, das mais diversas naturezas, são utilizados para a defesa do patriotismo. Até mesmo um texto sobre a campanha de Natal da Legião Brasileira de Assistência (“Um presente de Natal”) é usado para trazer a tona o assunto “soberania nacional”. Um outro texto, intitulado “A *Goiana Francesa*⁸ como trampolim”, coloca em questão a possibilidade do país vizinho ser utilizado como ponto para um ataque ao Brasil, mais uma vez tratando da soberania. Nestes casos, novamente, fica evidente o posicionamento ideológico do semanário O Eco ao adotar um discurso patriótico, sem questionar os efeitos da entrada do Brasil na guerra ao lado dos aliados ou a incoerência do governo de Getúlio Vargas com tal atitude.

Viés econômico

O quarto bloco temático categorizado demonstra que sobretudo a partir de 1943 o semanário adotou uma cobertura da Segunda Guerra Mundial pelo enfoque econômico. Com a presente análise, após a tabulação dos dados, pode-se afirmar que nesta fase o veículo apropriou-se do conflito bélico para tratar de temas de seu interesse, retratando a guerra, evento de ordem militar, por meio das influências que ela possuiu no âmbito do Município; seja por meio de temas econômicos escritos diretamente com referência à cidade, como é o caso dos textos “Seda paulista nos Estados Unidos” e “Cousas de após guerra”; seja por meio de temas econômicos que interessavam aos comerciantes e agricultores da região de modo geral. No total, foram veiculados 19 textos sob esse enfoque.

Grande também foi a incidência de textos com tons otimistas. Apesar de retratar uma guerra, o semanário trouxe um volume representativo de matérias sobre economia com enfoques otimistas. Na maioria das vezes, o otimismo vinha rebuscado em assuntos como o aumento da possibilidade exportação dos produtos locais e nacionais. Expressões como “reanimar sericultores” ou “garantir os mercados”, assim como adjetivações do tipo “grandes estoques e produções”, “transformação rápida” e “rica atividade produtiva” exibiam o caráter de “a guerra pode nos fazer bem” com o qual os textos foram construídos.

Mesmo nos textos com temas econômicos e enfoque mais pessimistas, o semanário tratou de adotar uma linguagem professoral de alerta aos leitores. Ou seja, apesar do pessimismo, os textos não foram redigidos com caráter alarmante, mas em

⁸ Grafia original da época

tom de alerta, informando aos leitores que a Segunda Guerra Mundial poderia novamente influir na economia do país e do município, desta vez para pior. Neste grupo estão textos que abordaram desde a variação no preço dos imóveis com guerra até outros que incentivavam o cultivo de hortas e pomares nos quintais alertando sobre possíveis racionamentos.

Portanto, pode-se verificar a partir desta análise que, pelos textos de capa do jornal O Eco, a partir de 1943, os lençoenses tiveram uma visão diferenciada da Segunda Guerra Mundial. A cidade – que recebeu Badoglio e enviou moradores dentre os combatentes em Monte Castelo – observou o conflito não somente pelas mortes ou conflitos, assuntos trazidos a tona sobretudo pela mídia radiofônica, mas também pela ótica da economia.

Considerações finais

A análise da cobertura da Segunda Guerra Mundial realizada pelo semanário O Eco em seus editoriais de capa revela alguns pontos importantes que devem ser considerados. O trabalho de inferência comprova a afirmação de Kellner (2001) de que a sociedade é um grande campo de batalha e que lutas heterogêneas se consumam nas telas e nos textos midiáticos. Foi assim, principalmente, nos momentos em que o veículo destinou seu espaço para fazer críticas – seja de maneira irônica ou ríspida – à doutrina comunista, valorizando, em contraposição, a religião católica. Assim também foi na fase da cobertura da Segunda Guerra Mundial em que os textos enfatizaram posições patrióticas, desconsiderando uma leitura mais crítica do momento em que o país assumia seu apoio às frentes aliadas na guerra.

Vale dizer também que, entre outras temáticas menos representativas tratadas nos editoriais, destacam-se os textos sobre a queda de Benito Mussolini na Itália. Apesar de não ter sido categorizado separadamente em um bloco como as outras temáticas de maior incidência, o assunto dominou os editoriais do semanário em quatro oportunidades (todas entre agosto e novembro de 1943). Tais textos merecem destaque pois revelam – mais uma vez – a maneira diferenciada adotada pelo jornal em sua cobertura da Segunda Guerra Mundial. Em nenhum um momento, por exemplo, a Alemanha de Hitler, responsável pelo estopim do conflito, foi retratada individualmente de maneira semelhante como ocorreu nestes quatro textos com a Itália.

Os motivos que levaram a tal cobertura podem ser muitos e diferenciados. O próprio momento em questão (intervalo entre agosto e novembro de 1943), marcado

pela queda da principal liderança italiana na época, favoreceu a incidência de textos sobre a temática. Porém, não podem ser desprezadas as variáveis de ordem pessoal e profissional que envolvem o editor do semanário, o jornalista Alexandre Chitto.

Neste sentido, apesar da dificuldade de se cobrar da imprensa do período um posicionamento delineado sobre o conflito – obstáculo, este, motivado até mesmo pela posição contraditória adotada por Getúlio Vargas frente ao conflito – nota-se na cobertura jornal O Eco certa inversão de valores provocada muito provavelmente pelas relações de proximidade do seu editor com a Itália: em certos momentos o veículo criticou o belicismo e a própria guerra em si; em outras ocasiões defendeu as forças armadas e a soberania nacional; em determinada época se posicionou contrariamente à Inglaterra; em outra defendeu a posição brasileira de se alinhar aos aliados.

Enfim, mesmo sem a intenção de encontrar uma resposta fechada e definitiva sobre a maneira pela qual o semanário construiu a representação da Segunda Guerra Mundial, o presente trabalho – que integra uma pesquisa mais ampla e repleta de variáveis – cumpre seu papel de trazer para a pesquisa acadêmica um tema que muito provavelmente se esconderia por muitos outros anos nos arquivos históricos do veículo estudado. Das inúmeras reflexões geradas pela análise pode-se extrair com pertinência uma conclusão: quando em jogo a hegemonia de determinados grupos ou projetos políticos, é evidente a construção de representações e identidades por parte do veículo. Portanto, o silêncio em determinadas situações e valorização de certas temáticas em outras, como avaliado na análise, comprova a afirmação de Kellner de que a cultura da mídia produz representações que tentam induzir anuência a certas posições políticas, levando os membros da sociedade a ver em certas ideologias “o modo como as coisas são”. E assim também foi, no caso do O Eco, com a cobertura da Segunda Guerra Mundial.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Carlos Alberto. A pesquisa norte-americana. In HOHLFELDT, Antonio et.al. (Orgs.). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BARBOSA, Marialva e MOREL, Marcos. **História da Imprensa no Brasil: Metodologia**. Jornal da Rede Alcar. Ano 3, N. 30, junho de 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Edições 70: Lisboa, 1977.

BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo (Org.). **São Paulo do Passado**. Dados demográficos. Campinas: Unicamp, 2001. 1 CD-ROM.

BONALUME NETO, Ricardo. **A nossa Segunda Guerra**: Os brasileiros em combate, 1942-1945. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995.

BRUSATIN, Beatriz de Miranda. **Na Boca do Sertão**: o perigo político no interior do Estado de São Paulo (1930-1945). São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2003.

BUENO, Wilson da Costa. **Caracterização de um objeto-modelo conceitual para a análise da dicotomia imprensa industrial / imprensa artesanal no Brasil**. Dissertação de mestrado. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1977.

CHITTO, Alexandre. **Lençóis Paulista nos seus 120 anos**. Lençóis Paulista, SP: Edição especial de O Eco, 1978.

DIAZ, Julio Montero e ALFFOND, José Carlos Rueda. **Introducción a la Historia de la Comunicación Social**. Barcelona: Ariel, 2001.

FERRO, Marc. **História da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Ática, 1997.

FRANÇA, Vera. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê?. In MOTTA, Luiz Gonzaga et. al (Orgs). **Estratégias e culturas da comunicação**. Brasília: Edunb, 2002.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: Edusc, 2001.

LEITE, Sydney Ferreira. **Reflexões sobre comunicação e sociedade**: as contribuições de Douglas Kellner. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Ano 1, N. 1, Dezembro de 2004.

LOPES, Dirceu Fernandes. Em busca de um perfil do jornal do interior de São Paulo. In: LOPES, Dirceu Fernandes, SOBRINHO, José Coelho, PROENÇA, José Luiz (Org.). **A evolução do jornalismo em São Paulo**. 2.ed. São Paulo: ECA/USP, 1998.

SILVA, Marcos Paulo da et.al. **Grandes famílias de Lençóis Paulista e Macatuba**. Lençóis Paulista, SP: Folha Popular, 2005.